

O JOVEM NA LITERATURA ACADÊMICA: ELEMENTOS PARA UM ESTADO DA ARTE DOS ESTUDOS DA JUVENTUDE*

DOI 10.18224/frag.v28i2.6001

ALLAN NOVAES**

Resumo: o presente artigo consiste em uma revisão bibliográfica dos Estudos da Juventude, a partir de abordagens e olhares da História dos Jovens e da Sociologia da Juventude. Para reunir elementos de um estado da arte do campo de estudos da juventude, o artigo divide-se em três partes: na primeira, apresenta-se a importância de se estudar e compreender a juventude a partir da história e da sociologia; na segunda, constrói-se um sucinto panorama dos estudos da juventude e suas ênfases no decorrer da história; e, na terceira, elaboram-se reflexões sobre algumas contribuições dos estudos acadêmicos sobre a juventude para a realidade do trabalho com o jovem.

Palavras-chave: Estudos da Juventude. Sociologia da Juventude. História dos Jovens. Juventude.

As pesquisas acadêmicas sobre a juventude possuem mais de um século de tradição consolidada, a despeito das várias escolas e abordagens existentes. Em se tratando dos estudos da juventude um dos primeiros problemas é a definição de quem é “jovem” e o que significa o “momento da juventude”. É consenso que a juventude representa uma fase de transição entre a infância e a vida adulta. Contudo, as fronteiras que delimitam a passagem da infância para a juventude e, em especial, da juventude para a chamada maturidade são um misto de fatores objetivos e subjetivos, biológico-fisiológicos e sociológicos.

Normalmente, considera-se que o marco inicial da juventude coincide com o estágio final do desenvolvimento cognitivo da criança, ou seja, corresponde à aquisição da capacidade de realizar operações mentais típicas do pensamento abstrato e do raciocínio hipotético-dedutivo (PIAGET, 2007). Além disso, o final da infância e a entrada na juventude também é marcada pelo desenvolvimento de um novo porte físico e de maturação sexual, acentuando a

* Recebido em: 18.10.2017. Aprovado em: 04.05.2018.

** Doutor em Ciência da Religião pela PUC-SP, com doutorado-sanduiche Capes pela Andrews University e período de pesquisador-visitante na University of Notre Dame. Mestre em Comunicação Social pela UMESP. Bacharel em Jornalismo e em Teologia pelo UNASP. Professor na Faculdade de Teologia do UNASP. E-mail: allan.novaes@unasp.edu.br.

distinção entre os gêneros – etapa chamada de puberdade. No entanto, o término da juventude é definido mais por critérios sociológicos do que por biológicos. O fim da juventude aparece relacionado a questões como maioridade civil, status profissional estável, matrimônio, auto sustento e paternidade/maternidade (WHEISHEMER, 2013, p. 12).

Sem dúvidas a juventude está ligada a questões cronológicas da existência humana, o que permite estabelecer diferentes faixas etárias. A abordagem cronológica da definição de juventude geralmente recorre a indicadores sócio demográficos ou padrões estabelecidos por entidades internacionais para definir os limites de quem pode ser considerado jovem.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define a adolescência como um processo essencialmente biológico que abrange a pré-adolescência (10-14 anos) e a adolescência (15-19 anos). A juventude teria seu início durante a fase da adolescência, apontando para “o processo de preparação para os indivíduos assumirem o papel adulto na sociedade, tanto no plano familiar quanto no profissional, estendendo-se dos 15 aos 24 anos” (WASELFISZ, 2002, p. 18). Por sua vez, a Organização Ibero-Americana da Juventude trabalha com a faixa etária entre os 14 e 30 anos de idade para o jovem, embora nos próprios países que a organização abrange haja uma grande diferença nas faixas etárias utilizadas, com o término da juventude variando entre 18 a 35 anos (LEÓN, 2005, p. 13). No Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) classifica o “grupo jovem” entre 15 a 24 anos e o Estatuto da Juventude o faz entre 15 a 29 anos. Esses são apenas alguns exemplos da diversidade de critérios para estabelecer a faixa etária na qual a juventude estaria inserida.

O uso desses recortes etários é importante para pesquisas empíricas e levantamentos estatísticos, sem os quais se tornaria praticamente impossível estudar o jovem. Fica claro, entretanto, que a grande quantidade de opções de intervalos etários para mensurar o momento da juventude mostra que a definição cronológica é um tanto quanto arbitrária, não dando conta das diferenças entre idade biológica e idade social¹.

Dessa forma, a juventude não pode ser considerada uma unidade demográfica e etária somente. E é nesse sentido que o sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002) declara, ironicamente, que a juventude é apenas uma palavra. Para ele, “a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos”, fazendo com que “as relações entre a idade social e a idade biológica [sejam] muito complexas” (BOURDIEU, 1983, p. 113). E esse conflito de gerações, a que se refere Bourdieu, nos leva a considerar outros enfoques – que não o etário apenas – a partir do qual a juventude pode ser compreendida.

Uma dessas contribuições que vem somar à perspectiva psicológica e fisiológica é a histórico-sociológica, especialmente através de dois campos de estudos: História dos Jovens e Sociologia da Juventude. Diante desse contexto, o objetivo do presente artigo é traçar um panorama dos estudos sobre a juventude no Brasil e no mundo, com foco nas contribuições desses dois importantes campos de estudo acadêmico. Por meio da reunião de elementos do estado da arte² das pesquisas sobre a juventude, procura-se destacar perspectivas e conceitos que são fundamentais para se pensar estratégias e formas de se relacionar com o jovem.

Para tanto, o artigo divide-se em três partes: na primeira, apresenta-se a importância de se estudar e compreender a juventude a partir da história e da sociologia; na segunda, constrói-se um sucinto panorama dos estudos da juventude e suas ênfases no decorrer da história; e, na terceira, elaboram-se reflexões sobre algumas contribuições dos estudos acadêmicos sobre a juventude para a realidade do trabalho com o jovem, seja ele

através de entidades governamentais e não-governamentais, de instituições de ensino ou de denominações religiosas.

O QUE É A JUVENTUDE: FAIXA ETÁRIA OU CONSTRUÇÃO SOCIAL?

Ao se observar as diferentes compreensões sobre a juventude e o jovem ao longo da história do Ocidente é possível perceber que as expectativas sociais e o cenário político e cultural definiam, tanto quanto os fatores biológicos, as categorias criança, jovem ou adulto. No clássico *História dos jovens*, Levi e Schmitt (1996, p. 14) comentam a necessidade de se levar em conta a contribuição da história e das ciências sociais para entender a juventude:

[...] em nenhum lugar, em nenhum momento da história, a juventude poderia ser definida segundo critérios exclusivamente biológicos ou jurídicos. Sempre e em todos os lugares, ela é investida também de outros símbolos e de outros valores. De um contexto a outro, de uma época a outra, os jovens desenvolvem outras funções e logram seu estatuto definidor de fontes diferentes.

Isso fica evidente ao se constatar que os critérios para o início e fim da juventude nas civilizações e culturas desde a Antiguidade até a Idade Contemporânea eram muito diferentes entre si. Na Roma Antiga, por exemplo, continuava-se criança (*puer*) até os 15 anos. A adolescência (*adulescentia*) durava dos 15 aos 30 e a juventude (*iuvēnta*) iniciava-se aos 30 e encerrava-se aos 45. O prolongamento excessivo da adolescência e da juventude em Roma pode ser explicado pela lógica do “pátrio poder”, isto é, um direito absoluto do pai (*pater familias*) sobre seus filhos, esposa e escravos. O fato do pai ter poder sobre a vida ou morte sobre todos os seus dependentes, incluindo aí o direito de vendê-los, abandoná-los e até dá-los como garantia tornava socialmente “justificada” a extensão da fase juvenil; do contrário, filhos considerados adultos seriam emancipados, enfraquecendo o domínio do *pater familias* (SCHNAPP, 1996, p.71).

Na cultura erudita, aristocrática e clerical da Idade Média promovia-se uma classificação etária em seis fases: *infantia* (dos seis aos 14), a *adulescentia* (de 14 a 21 ou 28), a *iuvēntus* (de 21 ou 28 a 35), a *virilitas* (de 35 a 55 ou 60 anos) e *senectus* (acima de 55 ou 60 anos), podendo haver uma sétima chamada de *senies* (acima dos 70 anos). Os jovens entravam na fase *iuvēntus* depois que fossem ordenados cavaleiros, mas só saíam dela quando se casassem, independentemente da idade. Já na sociedade camponesa medieval, eram oito as categorias, que focavam mais nas práticas sociais e comunitárias: os recém-nascidos, as crianças, os jovens, os recém-casados, os pais de família, os viúvos, os velhos e os falecidos, sendo a cada um deles atribuído um papel específico na comunidade. Essa divisão indicava que as necessidades e demandas de sobrevivência falavam mais alto que fatores cronológicos e naturais, fato exemplificado pelos casamentos precoces da época (PASTOUREAU, 1996, p. 246-7).

Acerca da juventude contemporânea, vale ressaltar a contribuição o livro *A criação da juventude*, do jornalista Jon Savage. A obra mostra que a juventude é também uma invenção cultural. Para Savage (2009), a construção do jovem (*teenager*, como ele se refere em seu livro) como rebelde sem causa e transgressor no século 20 foi consolidada pela indústria do marketing e do consumo, para além das descobertas científicas da medicina e da psicologia sobre o funcionamento da mente e do corpo do adolescente e do jovem.

É nítido, portanto, que a juventude não pode ser considerada apenas fase biológica, mas também um produto social e cultural, o que significa que

[...] a juventude é uma categoria socialmente construída e, portanto, presente na ordem social [...]. Daí sua mutabilidade ao longo da História e as diferentes interpretações presentes na literatura especializada e no imaginário social [...]. Daí os distintos significados de ser jovem, ao longo do tempo. A juventude é, portanto, também uma representação simbólica fabricada pelos grupos sociais em seus diferentes tempo e espaço (CASSAB, 2010, p. 50).

Por essa razão, ao se estudar a complexidade do sujeito jovem é imprescindível desmistificar a juventude como categoria apenas natural e biológica, introduzindo-a também como uma construção social que varia de acordo com as diferentes culturas³. Todavia, isso não significa que a compreensão da juventude sob o prisma psico-biológico deva ser rejeitada, mas apenas que não é a única dimensão a ser contemplada (CATANI; GIOLIOLI, 2004, p. 12-3).

PANORAMA DOS ESTUDOS DA JUVENTUDE

A ideia de que a vida adulta deveria começar imediatamente após a infância começou a ser fortemente questionada ainda no século 17. No tratado filosófico sobre a natureza humana intitulado *Emílio ou Da Educação* de 1762, Jean-Jacques Rousseau já argumentava que a puberdade era como um segundo nascimento, com efeitos como agitação mental e mudança de temperamento. Essa percepção iria se popularizar através do sucesso do romance de Goethe *Os sofrimentos do jovem Werther*, selando “a visão romântica da juventude como assediada por um fervilhar de ideias e inquietações” (SAVAGE, 2007, p. 29).

O conceito da juventude no Ocidente foi alterado em definitivo pelo turbilhão político, econômico e social do final do século 18 e início do 19, período em que, não coincidentemente, surgiram os primeiros estudos sobre os jovens. O cenário era o da Revolução Industrial na Europa, que gerou migrações em massa do campo para as cidades. As estruturas tradicionais de trabalho, vizinhança e família se romperam nas metrópoles, impactando diretamente as crianças e os jovens, que passaram a integrar o cruel mundo do trabalho em fábricas e indústrias ou a vagar perigosamente pelas ruas, conforme relata os romances do escritor Charles Dickens (SAVAGE, 2007, p. 30; TRASI; MALVASI, 2013).

Conforme a industrialização e a urbanização iam se aprofundando e se estendendo pela Europa e pelo mundo, a “questão da juventude” se impunha como problema social, uma vez que o capitalismo industrial e o êxodo rural geraram a formação de uma classe juvenil delinquente, de vida desregrada, preocupando as autoridades e o Estado (GROPPO, 2004, p. 10). Dessa forma, as primeiras pesquisas sobre os jovens ocorreram a partir da perspectiva de desvio social: o Estado precisava entender o que era precisamente a juventude para orientar as ações das agências socializadoras, combatendo o fenômeno da delinquência juvenil da época.

Dessa forma, surge a primeira grande ênfase nos estudos e na compreensão da juventude, cuja influência é marcante até hoje: a perspectiva da juventude como problema social e como desvio das normas e tradições. Vamos a ela.

Uma das primeiras áreas do saber que tentou explicar e entender a “questão da juventude” foi a Psicologia, especialmente a Psicologia Social. Stanley Hall (1844-1924), em sua obra clássica chamada *Adolescence* (1904), apresentou a adolescência como primeira etapa da juventude, cujo período de amadurecimento biológico era caracterizado por comportamentos oscilantes e contraditórios, o que ajudava a associar a juventude às noções de rebeldia e delinquência (CATANI e GILIOLI, 2004, p. 14)⁴.

Além de Hall, autores como o sociólogo Talcott Parsons (1902-1979), que desenvolveu a ideia de que existe uma cultura juvenil de consumo e entretenimento, e o psicólogo Erik Erikson (1902-1994), que cunhou o termo “crise de identidade” como sendo um fenômeno inerente ao jovem. De uma forma ou de outra, Hall, Parsons e Erikson, e muitos outros pesquisadores, colaboraram para reforçar a ideia de uma juventude frívola, superficial, rebelde e/ou delinquente.

Uma vez que a forma como os jovens se manifestavam nas ruas da Europa e dos Estados Unidos diante dos problemas sociais gerados industrialização, da grande imigração e das habitações pobres nos subúrbios e periferias era considerado subversivo e criminoso, os temas preferidos dos pesquisadores eram gangues e marginais juvenis, códigos das ruas, entre outros temas correlatos (CATANI; GILIOLI, 2008, p. 91).

Nos anos pós-guerra (final dos 1940 e toda a década de 1950), os pesquisadores começaram a se preocupar com a vida boêmia, o radicalismo político, o uso de drogas, a moda transgressora e as preferências musicais dos jovens. O comportamento jovem, em geral, era visto como anormal e a juventude, como um problema em potencial. Como consequência dessa ênfase, entre outros fatores, algumas imagens do jovem foram construídas, entre elas a da juventude vista como um momento de crise, como um momento de distanciamento da família e como um momento de existência não plena (DAYRELL, 2005, p. 29 e 30).

No que concerna a juventude vista como momento de crise, consolidou-se, até hoje, a ideia da juventude como fase de vida muito difícil, por conta das acentuadas mudanças corporais, da necessidade de autoafirmação e criação de uma identidade. Estigmatizou-se o jovem como rebelde sem causa, “aborrescente” e outras alcunhas que representam a insatisfação – e muitas vezes intolerância – do mundo adulto em relação ao comportamento juvenil.

Essa ideia de crise de identidade juvenil também está ligada à noção de distanciamento familiar. A valorização dos amigos de mesma idade e a perda da influência paterna e materna é acusada de ser um dos grandes problemas dessa etapa. A busca por sociabilidade, a experimentação, as aventuras e os questionamentos acabam diminuindo o papel da família – e por tabela o de quaisquer instituições formadoras, como a escola e a igreja.

A reação do mundo adulto a esses problemas, como descrevem diversos estudiosos, tem sido muitas vezes severa, autoritária e incompreensiva. Apesar das muitas variações, como as que foram apresentadas neste texto anteriormente, pode-se dizer que da perspectiva do Ocidente “na infância brinca-se, na juventude prepara-se, forma-se, e na idade adulta trabalha-se” (DAYRELL, 2005, p. 29). Seguindo essa lógica, a marca da juventude é a transitoriedade: ela é um vir-a-ser. O sentido das suas ações só se concretiza no futuro, já que a fase adulta é a única considerada como condição plena de identidade, cidadania, autonomia, realização, enfim, de existência. Não é de se surpreender, portanto, que a juventude ainda carregue tantas conotações negativas na sociedade.

Todavia, outra perspectiva sobre o entendimento do que é ser jovem coexistiu com a ênfase da juventude como desvio social: a da juventude como questão geracional. Essa ênfase iria se contrapor à primeira, trazendo uma visão mais positiva dos jovens.

A ÊNFASE NA JUVENTUDE COMO NOVA GERAÇÃO

Ainda nos 1920 a tradição dos estudos da juventude encontrou espaço nas discussões do campo da Sociologia, especialmente com a publicação do texto clássico do sociólogo alemão Karl Mannheim (1883-1947): “O problema das gerações”. Com esse ensaio, publicado originalmente em 1928, Mannheim lançou as bases para a pesquisa da juventude e para os estudos das gerações, estabelecendo um marco na constituição do campo de estudos que seria chamado de “Sociologia da Juventude” (WELLER, 2007; TAVARES, 2012).

Para Mannheim, geração não é um grupo de pessoas que vive em um mesmo momento histórico apenas. Ele defendia a ideia de que diferentes grupos etários vivenciavam tempos interiores diferentes em um mesmo período cronológico. Por isso, para Mannheim (1993), pertencer a uma geração é mais do que viver na mesma década que um grupo de pessoas de faixa etária similar: é interpretar as experiências da época de forma semelhante. O vínculo geracional com pessoas de faixa etária equivalente se dá na compreensão mais ou menos igual de mundo e de realidade. Não é a idade que promove vínculo geracional, mas sim o fato de ter uma a percepção e interpretação de realidade parecida⁵.

Também é verdade que, em um mesmo momento da história, várias gerações coexistem. Logo, indivíduos de gerações diferentes terão modos diferenciados de experienciar e interpretar os mesmos processos e eventos históricos.

Abordar a juventude como questão geracional é conferir importância às experiências e leituras de mundo dos jovens e apontá-la como fator impulsionador das transformações e mudanças sociais e culturais. Isso ocorre porque toda nova geração, isto é, os jovens de um determinado momento histórico, “não estão completamente enredados pelos status quo da sociedade” (MANNHEIM, 1968, p. 73). O que o Mannheim queria dizer com isso é que os jovens, como ainda não são membros “plenos” do universo adulto, ainda não dominam os valores, códigos sociais e comportamentos já estabelecidos pelas gerações mais antigas. Logo, para ele, as relações intergeracionais – entre jovens e adultos e jovens e idosos, por exemplo – possuíam um grande potencial de mudança e inovação da juventude, uma vez que os vícios e falhas da cultura da geração adulta poderiam ser identificados e reparados pela nova geração. A dita inexperiência dos jovens é tomada, então, como fator propulsor da dinâmica da sociedade, e muitas vezes constitui-se no canal de introdução de mudanças. A juventude seria, portanto, um recurso estratégico para o avanço da sociedade (WEISHEIMER, 2013, p. 19).

Por outro lado, em toda relação intergeracional espera-se que haja certa continuidade. As gerações mais velhas têm expectativa de que a juventude carregue o legado construído e, de certa forma, preserve a cultura e a tradição que foram estabelecidas. Nesse sentido, a juventude é, novamente, vista como essencial para a preservação da memória e dos feitos da geração anterior.

Seja como for, na continuidade do legado ou na esperança de transformação social (vi), a juventude aqui é vista de maneira otimista. Essa compreensão mais positiva busca tratar a juventude como um elo entre passado e futuro. A relação entre o universo dos jovens e o

mundo adulto pode ser encarada como uma oportunidade para a renovação e a transformação da sociedade e/ou como preservação de memória e legado da geração anterior.

A ÊNFASE NA JUVENTUDE COMO NICHOS DE MERCADO E CULTURA DE CONSUMO

Outra perspectiva dos estudos da juventude, um pouco mais contemporânea, é analisar a cultura juvenil sob o prisma do mercado e do consumo. Para isso, devemos retomar o trabalho de um autor já citado neste artigo: Jon Savage. Em seu resgate histórico do jovem apresentado no ensaio *A criação da juventude*, Savage (2007) afirma que o termo popular na América para o adolescente – *teenager* – era uma mistura de fatores socioculturais com demandas de mercado.

Para ele, décadas de desvalorização moral vitoriana⁷ e o fim das grandes guerras produziu um estado favorável para a criação de um novo modelo de juventude. Diferentemente de como a juventude era tratada no final do século 19 e início do século 20, depois da Segunda Guerra Mundial o estereótipo da juventude como problema dividia espaço com o rótulo de modelo de existência para todas as idades. A massa de jovens desempregados e desocupados no contexto da Revolução Industrial não era mais a realidade pós-guerra. Os jovens agora podiam estudar e não precisavam mais trabalhar pela sua sobrevivência. Além disso, ocorria na América e em boa parte da Europa um aumento de renda sem paralelo na história do Ocidente, isto é, crescia o poder de consumo da juventude – e/ou de seus pais. Os jovens, antes somente problema social para o Estado, agora eram oportunidade de negócios para o mercado.

Savage (2007) explica que a própria palavra *teenager* se popularizou na primeira metade dos anos 1940, como uma jogada de marketing bem-sucedida para nomear esse novo público consumidor. Exemplos desse fenômeno foram a publicação pioneira da revista *Seventeen*, primeira publicação especializada para adolescentes do mundo, até onde se tem registro, e a criação dos *teenpics* (filmes adolescentes) pelos grandes estúdios de cinema, como o clássico *Juventude transviada*, de 1955 (FEITOZA, 2012).

A consolidação do adolescente e do jovem como mercado consumidor gerou um tipo de discurso na mídia que sofre muitas críticas por parte de pesquisadores. Produtos como filmes, séries de televisão, anúncios publicitários e livros e revistas especializadas muitas vezes retratam uma caricatura do jovem, reforçando estereótipos. Essa abordagem da mídia assume três pressupostos diferentes: constrói-se a imagem do jovem com base somente em padrões adultos, trata-se a cultura juvenil como se fosse totalmente alheia à realidade do adulto, ou cria-se um culto à juventude, tornando-a a etapa da vida referência para as demais faixas etárias (CATANI; GILIOLI, 2004, p. 22; GROppo, 2004, p. 18).

No primeiro pressuposto, o discurso da mídia pode apresentar um jovem domesticado, feito apenas para atender as demandas da “maturidade” e a cumprir as etapas necessárias para ingressar na vida adulta. Um exemplo dessa representação do jovem são produtos para os jovens produzidos sob a ótica das demandas adultas, cuja participação juvenil é pouca ou nenhuma. A pesquisa de Ana Cristina Silva sobre o caderno “Folhateen”, do jornal *Folha de S. Paulo*, mostra que muitos dos temas abordados nas matérias jornalísticas são orientados por expectativas dos adultos sobre o que eles supõem serem os mais importantes para os jovens, ainda que os interesses da juventude possam diferir disso⁸.

No segundo pressuposto, a mídia também acaba retratando o jovem como um elemento estranho à sociedade, portador de características e vontades separadas dos adultos. Isso ocorre com frequência em produções midiáticas de ficção onde o conflito de gerações é acentuado, e os jovens só convivem com seus pares, fazendo com que os pais quase não apareçam nas histórias. Contudo, a juventude só existe em relação à fase adulta. Por isso, eliminar o adulto nas representações apenas reforça o preconceito de que os jovens são incompreensíveis, excêntricos e rebeldes (CATANI; GILIOLI, 2004, p. 23).

Na esfera do consumo, há ainda o terceiro pressuposto: a forte tendência de se construir a imagem da juventude como referência para todas as fases da vida. A importância que as indústrias da moda, do entretenimento, do esporte, entre outras, conferem à beleza e ao vigor do jovem gera uma espécie de veneração. A juventude não é mais período cronológico da existência e nem construção social e cultural, mas está sendo definida como “jeito de ser”, “estado de espírito” ou “estilo de vida” que todos podem – e devem – assumir, independentemente da idade (GROPPO, 2004, p. 18). Esse fenômeno, que pesquisadores chamam de “juvenilização” da vida, inverte a lógica social até então vigente. A juventude deixa de ser preparação para o mundo adulto e passa a ser uma etapa que deve ser prolongada ao máximo. O adulto e o idoso é que agora devem se esforçar para manter o “espírito jovem”.

Por trás dessa realidade estão os interesses do mercado de perpetuar a comercialização de produtos para aquele que tem “o estilo de vida jovem”, que se constroem no lazer, na estética, no esporte, no turismo, na gastronomia, nos bens de consumo, e assim por diante. Uma das fases da vida mais afetadas por essa imposição do culto à juventude é a velhice, que também se transforma em um novo mercado de consumo. Na cultura contemporânea, não há lugar para a velhice, já que o envelhecimento tende a ser encarado como consequência de descuido pessoal, da adoção de formas de consumo e de estilos de vida inadequados, e nunca como processo natural. Rejuvenescer torna-se um imperativo para os idosos e o envelhecimento só é aceito na sociedade atual na medida em que ele mesmo é negado. Os idosos buscam cada vez mais a “juvenilização”, praticando esportes radicais, vestindo-se despojadamente, frequentando salões de dança e adotando um estilo de vida considerado jovem. Com isso, a própria ideia do que é envelhecer e dos ciclos da vida se enfraquece, pois, na cultura contemporânea, a Terceira Idade é representada como aquela que está sendo levada a buscar novos estilos de vida e formas de consumo para viver a eterna juventude (DEBERT, 2004; FOGAÇA, 2011).

CONSIDERAÇÕES

Diante da evolução e do cenário atual da literatura acadêmica sobre a juventude, é possível levantar algumas contribuições que os estudos da juventude poderiam trazer àqueles que trabalham com jovens, especialmente do ponto de vista do planejamento de ações e estratégias no trabalho com a juventude.

A primeira contribuição que os estudos da juventude podem trazer trata-se de mudança de perspectiva: historicamente, como foi visto anteriormente neste texto, os estudos da juventude começaram tratando os jovens como problema social, em uma abordagem extremamente negativa. Dessa maneira, é preciso superar a abordagem de desvio social e abandonar o caminho fácil do estereótipo da rebeldia sem causa. Estar preso a esse rótulo na compreensão da juventude é reforçar a intolerância em relação às novas gerações e fortalecer a ideia de que eles são incapazes e problemáticos.

Para além do rótulo de desvio social, os estudos da juventude podem ajudar também no sentido de evitar os excessos do polo contrário: a veneração da juventude. Em uma sociedade em que as características dos jovens tornam-se padrão para todos os períodos da existência, pode-se valorizar a juventude sem que, para isso, o papel social das outras etapas da vida seja desqualificado.

Além disso, os avanços da literatura acadêmica sobre a juventude também podem proporcionar uma perspectiva mais equilibrada sobre o papel do jovem. Embora o universo adulto espere que os jovens deem continuidade de seus feitos e conquistas, é preciso equilibrar essa atribuição de manutenção do legado com o ideal do aprimoramento do mesmo. Uma vez que os jovens ainda não são considerados componentes plenos da sociedade adulta, eles demonstram mais sensibilidade às falhas da cultura das gerações anteriores, pois toda geração carrega consigo suas virtudes e vícios. Embora seja uma tarefa muito difícil para os tidos como “socialmente maduros”, a juventude precisa ser encarada como uma oportunidade para rever e aprimorar conceitos e métodos.

É preciso entender que os jovens, enquanto geração ainda não absorvida pela organização social e cultural das gerações anteriores, podem apontar riscos e limitações do que já foi construído em termos de tradição, ordem social e status quo. Diante dessa realidade, o que se chama de “conflito de gerações” não é apenas a manifestação das diferenças de experiências de vida, mas principalmente a crítica que a juventude faz das omissões e problemas da cultura da cultura adulta. É preciso aprender a enxergar o jovem não apenas com herdeiro do conhecimento e da tradição – o que também pode ser verdade –, mas especialmente como um agente transformador em potencial das dimensões negativas da cultura vigente e do papel convencional do adulto na estrutura social.

Essa mentalidade de encarar a juventude como oportunidade para revisitar o que tem sido feito e reformar aquilo que é necessário, se bem assimilada, pode trazer luz a outras dificuldades da relação entre adultos e jovens, como os problemas de comunicação que ocorrem entre pais e filhos, educadores e alunos, e líderes e aprendizes. Explico: a convivência intensa e frequente que muitos jovens têm entre si precisa ser mais vezes interpretada como um problema de referência. Em muitos casos, a dificuldade de relacionamento dos jovens com os mais velhos se dá pelo fato dos jovens rejeitarem de sua convivência – e como modelos de referência – pessoas de outras gerações, pelo mesmo motivo já descrito aqui: eles são sensíveis às falhas da condição adulta e possuem um grande senso de justiça e coerência.

Por fim, uma grande contribuição que os estudos da juventude podem conferir é permitir que os próprios jovens estabeleçam e definam quais são seus problemas, demandas, necessidades, perspectivas e expectativas. Atualmente, a maior parte das estratégias e ações direcionadas aos jovens é concebida da perspectiva do que o adulto crê que o jovem precisa. A juventude é pouco ou nada consultada nesse processo. Fala-se muito dos problemas e desafios dos jovens no contexto atual: questões de sexualidade e gênero, inserção profissional, pertencimento e adesão social, entre outros. Mas os jovens reconhecem esses problemas como sendo seus problemas?

Logicamente, é preciso considerar que as gerações antigas têm contribuições valiosas a dar. Mas sua visão de mundo não pode ser a única a pautar as ações da sociedade para com o jovem. As agendas dos adultos e a dos jovens precisam se complementar e não colidirem entre si. O jovem precisa participar ativamente do planejamento e das decisões que envolvem as ações sociais a seu favor.

Ao se estudar a juventude, fica claro que é preciso levar a sério as características e desafios dos jovens. E a empatia é um caminho eficiente na busca pela compreensão de quem é o jovem na cultura contemporânea. Afinal de contas, cada geração e cada cultura elege seus próprios adversários e elabora seus próprios sonhos durante a jornada da vida. O caminho a ser trilhado até pode ser o mesmo, mas a experiência da viagem é diferente para cada geração, cultura e indivíduo.

YOUNG PEOPLE IN ACADEMIC LITERATURE: ELEMENTS FOR A STATE OF THE ART OF YOUTH STUDIES

Abstract: this article consists of a bibliographical review of Youth Studies, based on approaches and perspectives of Youth History and Sociology of Youth. In order to gather elements of a state of the art of the youth studies' field, the article is divided into three parts: first, the importance of studying and understanding youth from history and sociology; secondly, a brief overview of Youth Studies and its emphases and approaches; third, reflections on some contributions of Youth Studies to the reality of working with young people.

Keywords: *Youth Studies. Sociology of Youth. Youth History. Youth.*

Notas

- I Por idade social entende-se o grau de adequação de um indivíduo aos comportamentos esperados para pessoas da sua idade e de desempenho dos papéis estabelecidos pela sociedade em um determinado momento histórico. Para mais detalhes, ver Gennep (1986).
- II Estado da arte, ou estado do conhecimento, consiste no esforço sistemático de fazer um “inventário” e um “balanço” sobre aquilo que foi produzido intelectualmente em um determinado período de tempo e em uma área do conhecimento em específico. “Fazer o estado da arte” é resgatar a trajetória de uma área do conhecimento até o ponto atual, tornando mais clara a tarefa de identificar desafios e possibilidades do objeto ou tema de estudo (SPOSITO, 2009, p. 7).
- III Para mais informações sobre a compreensão da juventude como construção histórica e social, ver Ariès (1981).
- IV No entanto, as ideias de Hall foram criticadas por diversos colegas psicólogos à época por desconsiderar o papel e o impacto da cultura no comportamento do jovem. Além disso, Hall desenvolveu algumas ideias de natureza fascista e bioevolucionista, afirmando que a agitação e a tensão da adolescência seriam uma manifestação do primitivismo humano, enquanto a fase adulta corresponderia a um estágio civilizatório avançado e evoluído (CATANI, GILIOLI, 2004, p. 14; TAVARES, 2012, p. 182).
- V Mannheim (1968) vai diferenciar a geração real da unidade de geração. Os jovens que experienciam os mesmos problemas históricos fazem parte da geração real, enquanto que grupos dentro da mesma geração real que interpretam os mesmos processos históricos de modos específicos, constituem unidades de geração separadas.
- VI Para uma análise mais detalhada desse aspecto de continuidade e descontinuidade da juventude, e também da perspectiva geracional da juventude, ver Pais (1990).
- VII A moral vitoriana engloba um conjunto de valores que promove, por exemplo, restrição sexual, intolerância para o crime, um código social bem rigoroso de conduta pública e amor à pátria. Para mais detalhes, ver Sigsworth (1988) e Wilson (2008).
- VIII Os temas preferenciais dos adultos – e não necessariamente dos jovens – na pesquisa foram escola, família e política. Para mais detalhes ver Silva (1999).

Referências

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CASSAB, Clarice. Refazendo percursos: considerações acerca das categorias jovem e juventude no Brasil. *Perspectiva*, v. 34, n. 128, p. 39-51.
- CATANI, Afrânio; GILIOLI, Renato. *Culturas juvenis: múltiplos olhares*. São Paulo: Edunesp, 2008.
- DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005.
- DEBERT, Guita. *A Reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Edusp; Fapesb, 2004.
- FEITOZA, Frederico. Seletividade teenager: a sensibilidade eugênica em imagens do High School. *Cadernos de comunicação*, v. 16, n. 2, , p. 65-85, jul.-dez. 2012.
- FOGAÇA, Maria Cristina. *Reflexões sobre o envelhecimento*: Faculdade Aberta para Terceira Idade. São Paulo: LTR, 2011.
- GENNER, Arnold. *Los ritos de paso*. España: Taurus, 1986.
- GROPPO, Luís Antonio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. *Revista de Educação do Cogeime*, ano 13, n. 25, , p. 9-22, dez. 2004.
- LEÓN, Oscar. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, Maria Virgínia (Org.). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 9-18.
- LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. Introdução. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (O.). *História dos jovens 1: da antiguidade à era moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 7-18.
- MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. In: BRITTO, Sulamita. *Sociologia da Juventude I*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 69-94.
- MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, n. 62, p. 193-242, 1993.
- PAIS, José. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. *Análise Social*, vol. XXV, n. 105-106, p. 139-165, 1990.
- PASTOUREAU, Michel. Os emblemas da juventude: atributos e representações dos jovens na imagem medieval. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). *História dos jovens 1: da antiguidade à era moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 245-263.
- PIAGET, Jean. *Epistemologia genética*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- SCHNAPP, Alain. O mundo romano. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). *História dos jovens 1: da antiguidade à era moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 19-57.

- SAVAGE, Jon. *A criação da juventude: como o conceito de teenage revolucionou o século 20*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- SIGSWORTH, Eric (Ed.). *In Search of Victorian Values: Aspects of Nineteenth-century Thought and Society*. Manchester: Manchester University Press, 1988.
- SILVA, Ana Cristina. *Juventude de papel: representação juvenil na imprensa contemporânea*. Maringá: Editora da UEM, 1999.
- SPOSITO, Marília. *O Estado da arte sobre a juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)*, Volumes 1 e 2. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.
- TAVARES, Breitner. Sociologia da juventude: da juventude desviante ao protagonismo jovem da Unesco. *Sociedade e cultura*, vol. 15, n. 1, p. 181-191, jan.-jun. 2012.
- TRASI, Maria; MALVASI, Paulo. *Violentamente pacíficos: desconstruindo a associação juventude e violência*. São Paulo: Cortez, 2013.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. *Relatório de desenvolvimento juvenil 2003*. Brasília: Unesco, 2004.
- WELLER, Wivian. Karl Mannheim: um pioneiro da Sociologia da Juventude. *Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia*, 29 de maio a 1 de junho de 2007, UFPE, Recife-PE, p. 1-15.
- WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *Sociedade e Estado*, vol. 25, n. 2, p. 205-224, maio-ago. 2010.
- WHEISHEMER, Nilson. Apontamentos para uma sociologia da juventude. *Revista Cabo-Verdiana de Ciências Sociais*, ano 1, n. 1, jan.-jun. 2013.
- WILSON, Ben. *The Making of Victorian Values: Decency and Dissent in Britain, 1789-1837*. New York: Penguin Books, 2008.